

# Invasores do Serra III também serão despejados

leitura  
15  
AJIS629

43

Foto de Alton Lopes



Muitos ocuparam as casas e até colocaram um ponto de venda para os vizinhos

## Ascam nega a participação

A presidente da Associação Capixaba dos Mutuários (Ascam), Irini Lopes, negou ontem que a entidade tenha participado na organização da invasão ocorrida na segunda-feira no conjunto residencial Serra III, apesar de garantir o apoio às famílias que ocuparam as 3.310 unidades da Cohab, que se encontravam fechadas. “Foi uma invasão espontânea, feita por ex-funcionários da Construtora Marajá — responsável pela construção dos imóveis — que querem ser ressarcidos dos prejuízos com a empresa”, disse.

Conforme ainda a presidente da Ascam, que faz parte da Coordenação do Movimento da Moradia da Grande Vitória, a invasão “apenas reflete um problema social do Espírito Santo, que hoje ostenta um déficit habitacional de 200 mil unidades, enquanto possui imóveis fechados”. Hoje, a Ascam tentará buscar o apoio da Comissão Justiça e Paz

(da Arquidiocese de Vitória), para que, juntamente com a Federação dos Moradores da Serra e a Coordenação do Movimento da Moradia da Grande Vitória, interceda junto ao governador Max Mauro, visando assegurar a ação dos posseiros.

De acordo com os levantamentos feitos pela Ascam, após a visita de sua presidente, na tarde de ontem, o movimento nasceu do descontentamento de um grupo de 500 ex-funcionários da Construtora Marajá, que até hoje não receberam pelos serviços prestados à empresa. A ação dos ex-funcionários, segundo Irini Lopes, se encontra na Justiça do Rio de Janeiro e muitos desses trabalhadores tentam receber salários com até dois anos de atraso. “Eles quiseram se ressarcir dos prejuízos e são pessoas que não têm onde morar”, disse a presidente da Ascam.

As cerca de 15 mil pessoas que invadiram o conjunto habitacional Serra III serão despejadas do local. O advogado da construtora carioca Marajá, Edson Vítor Javosck, pediu à Justiça do Rio de Janeiro a evacuação da área, segundo informou o Diretor Financeiro da Cohab-ES — Companhia Habitacional do Espírito Santo —, Carlos Renato Rodrigues Pinheiro. O receio do advogado é o de que a tramitação do processo seja lenta, uma vez que o Poder Judiciário do Rio está em greve. A expulsão também foi solicitada pelo síndico da massa falida da Marajá, Ivan Alexandrino Santos.

A Cohab, de acordo com Carlos Renato Pinheiro, está pleiteando junto ao juiz da Sétima Vara de Falências e Concordatas do Rio de Janeiro a alienação do imóvel — 3.310 unidades. Ontem, conforme garantiu, o contador da companhia, Ricardo Marques, viajou para a capital carioca com o objetivo de agilizar a tramitação

do processo impetrado em agosto do ano passado. O crédito da Cohab, segundo ele, gira em torno de Cz\$ 112 milhões, com o abandono da obra, em junho de 1984. Embora esteja brigando na Justiça pela posse do conjunto, a Cohab não irá fazer nada no sentido de expulsar os invasores, já que o imóvel está *sub judice*. “Só a Justiça pode determinar o despejo”, disse ele.

## Prazo

A solução para o problema da posse das unidades deverá sair num prazo de 90 dias, segundo calcula o Diretor Financeiro da Cohab. “Nós estamos interessados na regularização da situação”, garantiu. Ainda ontem, Carlos Renato Pinheiro esteve no Palácio Anchieta para comunicar ao Governo as providências judiciais que estão sendo tomadas para a agilização do processo de alienação. Ele conversou com o chefe de gabinete do governador Max Mauro, Atilio Juffo.

## Moradores depredam as casas

Os invasores do conjunto habitacional Serra III estão depredando muitas das 3.310 casas. Tornou-se prática comum a “depenação” das residências situadas nos locais de acesso mais difícil para adequar as construídas na região mais baixa e próxima à BR-101. Estão sendo retirados vasos sanitários, pias, caixas d’água, janelas e portas, e adaptados nas casas em fase mais atrasada de acabamento.

Outros, na expectativa de serem despejados, não estão perdendo a oportunidade de garantir “um dinheirinho a mais” para uma eventual evacuação. É uma cena comum, no conjunto, a retirada de esquadrias e louça sanitária do local, para serem vendidas futuramente, conforme admitiram alguns dos invasores que não quiseram se identificar. O material está sendo levado sobre as próprias portas das casas, a pé. O mato seco do local está sendo incendiado perto das casas pelos ocupantes, na luta pela limpeza do local, abandonado há três anos.

Ontem, as mudanças já estavam sendo introduzidas nas casas. Móveis simples — camas, fogões velhos, vasilhames e roupas — estão sendo conduzidas em caminhões, kombis, caminhonetes, carrinhos de mão, a cavalo e a pé. As denúncias de especulação imobiliária aumentaram ontem, já que faltam apenas algumas poucas casas para serem ocupadas. Segundo uma invasora que omitiu sua identidade, um proprietário de uma mercearia no bairro Vista da Serra — próximo ao conjunto Serra III —, conhecido por João Bispo, ocupou quatro casas.

Revoltada, Jacira Mendes contou que andou durante toda a tarde à procura de uma casa, mas não estava encontrando, a não ser algumas que estão apenas com as paredes levantadas: “É um absurdo a gente saber que tem gente que não precisa, como o Falchetto, o homem mais rico da Serra, invadindo dez casas e vendendo o direito a Cz\$ 1 mil, sem deixar nenhuma para a gente”. Ela contou que é separada do marido e vive com os três filhos numa casa em Barcelona, mas o contrato está vencendo e terá que desocupar o imóvel no próximo dia 10.

Oferecendo a casa que ocupou com a mulher e um filho por Cz\$ 2 mil, João Carlos Souza, desempregado, disse que paga Cz\$ 150,00 de aluguel no bairro Vista da Serra. “Está barato”, in-

sistia ele, garantindo que a rua onde está localizada a unidade será “a rua principal, com o ônibus passando na porta”. O negócio só não foi fechado com a repórter porque sua mãe interviu, dizendo que se houvesse a venda, “vinham todos para a minha casa — ao lado —, que já está pequena”. Por fim, João Carlos tentou vender por Cz\$ 1 mil um video game “trocado por uma bicicleta”.

Durante todo o dia de ontem, uma verdadeira procissão seguia para o conjunto, a maioria a pé. Os invasores — que agora vêm de outros municípios, como Aracruz, Linhares, Fundão, Vila Velha e Cariacica, além da periferia da Serra — saltam dos ônibus no ponto situado na BR-101 em frente ao local. As crianças ajudavam no transporte de trouxas de roupa, sacolas, latas, vassouras e ferramentas.

O conjunto Serra III está com ares de cidade do interior. A presença de cerca de 15 mil pessoas já comporta vários pontos de comércio, instalados em abundância no local. A presença da cachaça é marcante nos botecoquins, agora melhor abastecidos com biscoitos e mantimentos. Um depósito de pão também está funcionando no conjunto. Alguns invasores denunciam a presença de marginais, inclusive do grupo do bandido **Zé Galinha**, do bairro da Penha, embora não tenha sido registrado nenhum incidente desde o início da invasão, na última sexta-feira.

Até o prédio onde funcionavam o escritório e o almoxarife da construtora Marajá — com oito cômodos — foi invadido. Eliomar Irene de Oliveira e o cunhado ocuparam os dois pavimentos do imóvel ontem, colocando para fora documentos corroídos por ratos que se encontravam no local. Muita coisa foi queimada na área em frente ao prédio. Eliomar contou que é solteiro e proprietário de uma oficina mecânica no bairro Vista da Serra. O ex-vigia da Cohab no local, Antônio Rufino Filho, também ocupou uma casa de seis cômodos, utilizada pela empresa durante a construção do conjunto.

Sem lembrar o nome do assessor, Barcelos disse que obteve sua garantia de que “não haverá violência contra os ocupantes”, embora tenha afirmando também, segundo ele, que “o Governo não pode fazer nada”. “Se nós, políticos, não podemos fazer nada, quem fará?”.